

Como se forma uma flor: A formação musical de seis mulheres inseridas na cena rock de Natal-RN.

GTE 18 - Gênero, sexualidade e interseccionalidades em Educação Musical

Comunicação

*Larissa Guedes dos Santos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
guedessla@gmail.com*

Resumo: Esta comunicação apresenta um recorte do meu trabalho de conclusão de curso, que teve como objetivo analisar o processo formativo-musical das mulheres integrantes da banda Flor de Nís, uma banda de rock alternativo, que possui cinco anos de existência e precisa lidar com adversidades para conseguir espaço na cena rock em sua cidade. A pesquisa se configurou como o estudo de caso, assim houve um levantamento bibliográfico e entrevistas com roteiro semi-estruturado. Alguns resultados apontam para que a formação musical ocorre em diferentes contextos, como: escola especializada; escola básica; ou de modo autodidata. Mas que apesar disso, não há um incentivo para as mulheres para a prática do rock, na maioria das vezes parte de iniciativa própria das meninas/mulheres. Além de não haver encorajamento e/ou encaminhamento para estudar as técnicas comuns a esse gênero musical, a falta de espaços para tocar e os assédios sofridos afetam exponencialmente a prática das mulheres/meninas que buscam essa inserção na cena rock.

Palavras-chave: Rock; Mulheres; Formação musical.

“Para tocar baixo tem que ter pegada de ‘macho’”

A imersão na temática proposta está relacionada com minhas experiências formativas em música¹. Iniciei meus estudos musicais na pré-adolescência em uma escola especializada, onde tinha aulas de teoria musical e contrabaixo elétrico. Na escola em questão, tinha apenas professores homens e isso não me causava estranhamento, para mim era natural, assim como se tivesse apenas professoras mulheres. Eu sempre quis estudar música, mas foi a minha aproximação com o rock que me fez prosseguir com os estudos. Embora os professores soubessem desse meu desejo de tocar esse gênero musical, eles sempre me impunham outros gêneros, como jazz ou música erudita, já que também estudava em outro

¹ Por experiências formativas em música entendo como o ato de ouvir e compreender música, além de ter um estudo direcionado para a aprendizagem musical.

espaço, contrabaixo acústico, eu até que aprendi a gostar, mas com certeza esse não era o meu objetivo inicial. Para além disto, os eventos de rock que costumava frequentar ainda na pré-adolescência como platéia, tinha os palcos dominados por homens e isso também não me causa espanto, provavelmente porque estava habituada a escutar bandas compostas por homens.

De certa forma, eu já estava inserida em um ambiente erguido pelo patriarcado. Nesse momento, eu já sabia da existência do feminismo, porém, não possuía o aprofundamento necessário e não compreendia que muitos acontecimentos cotidianos eram herança de uma sociedade androcêntrica. Essa temática só veio emergir de modo mais incisivo durante a graduação, quando tive a oportunidade de participar de várias discussões e de ampliar o meu conhecimento. A partir disso, muitos questionamentos passaram a rondar os meus pensamentos, como o fato da minha turma ter uma porcentagem maior de homens do que de mulheres, por exemplo. Também comecei a ressignificar as questões do início da minha carreira musical e comecei a compreender o machismo no meu cotidiano. Para exemplificar, relembro a fala de um rapaz para mim. Ele disse: “para tocar baixo tem que ter pegada de ‘macho’”. Eu não era um macho.

Então, de minha própria experiência sendo mulher e música, tocando contrabaixo, para um público predominantemente masculino e querendo estar na cena rock, que ainda é misógina – ou seja, ainda possui resistência em aceitar bandas de mulheres –, foi que surgiu o meu interesse pelo tema e o meu problema de pesquisa. Delimitei como problema de pesquisa para o meu trabalho de conclusão de curso: “como ocorre a formação musical de mulheres inseridas na cena rock?”. Esta problemática central levou ao seguinte objetivo geral: Analisar o processo formativo-musical das mulheres integrantes da banda Flor de Nís. Para realizar o trabalho, precisei seguir alguns passos.

Minha primeira necessidade era compreender o que é gênero, assim busquei em Scott (1995) essa informação, que em seu artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, traz um histórico de como o termo foi cunhado, além de trazer uma definição, que apesar do tempo, ainda é atual. Minha segunda necessidade, foi entender o papel feminino na música, essa compreensão se deu através de Koskoff (2014), que em seu livro “*A Feminist Ethnomusicology: writings on music and gender*”² traz a história das mulheres na música.

² Em português: Uma Etnomusicologia Feminista: escritos sobre música e gênero (tradução minha).

Em uma das disciplinas da graduação tive a oportunidade de realizar um trabalho em que precisava contar a história do rock brasileiro. Poder realizar este seminário, deu-me base também para realizar a minha monografia. Para entender o rock mundial, tomei como referência o livro “o que é Rock?” do autor Paulo Chacon (1995). Após o seminário, buscando um conhecimento ainda mais específico para entender a história da mulher no rock, tomei como base: Bayton (1989); Janotti (2013); Lucchesi (2015); e Paula (2015). Para esta comunicação acrescentei ainda as seguintes autoras: Casadei (2013); Gelain e Amaral (2017); Farias (2020) e Mota, Martins e Wenning (2020). Por último, procurei a história do rock em Natal-RN, cidade onde a banda investigada reside, cheguei aos seguintes autores: Cunha (2014) e Pinheiro e Pinheiro (2017).

Metodologia

Em primeiro lugar, realizei a pesquisa bibliográfica para compreender melhor cada tema abordado em minha monografia. Utilizei principalmente a internet para ter acesso a livros, teses, dissertações etc. procurando pelos seguintes descritores: música e gênero; rock e mulheres; gênero; rock; e a fim de ampliar o entendimento, pesquisei ainda os mesmos descritores em inglês: *music and gender; rock and women; gender; rock*.

Estabeleci três critérios para a escolha da banda colaboradora deste trabalho: ser uma banda de rock; ser formada apenas por mulheres; e estar disposta a participar da pesquisa – este último critério pesou mais na minha decisão, porque ao meu ver, facilitaria a comunicação e eu teria uma abertura maior para desenvolver o diálogo durante as entrevistas. A banda Flor de Nís atendeu a todos os critérios estabelecidos. O primeiro contato com a banda ocorreu pela sua página no instagram, que tem como administradora a baterista Marília Poeira. Ela me disponibilizou o seu *WhatsApp*, então a partir desse momento, o nosso contato foi sempre por lá. Expliquei como o trabalho seria realizado, que faria uma entrevista com cada membra da banda e uma outra entrevista com todas as componentes juntas para compreender a história da banda, assim ela me disponibilizou o contato de todas as meninas, com exceção da Larissa Torres (atual baixista da banda).

As entrevistas aconteceram no primeiro semestre de 2021, seguiram um roteiro semi-estruturado, e tiveram média de 1h de duração. Por causa da pandemia da Covid-19, precisei realizar as entrevistas por meio de videochamada, deixei que as próprias entrevistadas escolhessem o aplicativo e o horário e eu me adaptaria à rotina delas. Ao total, foram seis

entrevistadas, as cinco integrantes atuais e a baixista da formação anterior. A mudança de componente ocorreu durante o período em que estava em contato com a banda, por isso optei por entrevistar também a ex-integrante.

Cinco optaram por realizar a entrevista pelo *Google Meet* e uma, por questões de falta de tempo, preferiu responder o roteiro como se fosse um questionário. A falta de tempo e a dificuldade de conseguir juntar todas as meninas, fizeram com que eu não conseguisse realizar a entrevista coletiva, então apenas a baterista respondeu o roteiro dessa entrevista como um questionário também. As entrevistas foram gravadas com a autorização das meninas, que também assinaram virtualmente o termo de consentimento livre e esclarecido autorizando o uso de seus nomes e do nome da banda.

Desse modo, a pesquisa foi conduzida através de levantamento bibliográfico e entrevistas. Por se tratar de uma banda de rock composta apenas por mulheres atuante em uma cidade no tempo presente, fez com que a pesquisa se configurasse como um estudo de caso, que segundo Yin (2001, p. 32) “é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real”. A análise do levantamento bibliográfico se deu a partir de fichamentos e resumos. Já as entrevistas foram transcritas e depois analisadas com base na análise do discurso, buscando identificar padrões nas falas das colaboradoras, mas também pontos dissonantes.

Resultados e discussões

Sobre a banda Flor de Nís³

A banda Flor de Nís teve início em 2017, quando a baterista Marília Poeira (Musicoterapeuta), chegou ao estado para estudar fonoaudiologia e já tendo essa experiência em sua cidade natal, se juntou com outras duas colegas de curso: Alba Miranda, guitarra base e vocal (estudante de fonoaudiologia) e Gabrielle Souza, vocalista (estudante de fonoaudiologia e taróloga), para formar a banda, depois entraram a Jéssica Pinheiro, guitarrista solo (empresária) e Raíza Rocha, baixista. No ano de 2020, a Raíza mudou de estado e no lugar dela entrou a Larissa Torres (Licencianda em música).

³ Para saber mais, ouvir e acompanhar a banda, sigam-a no Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/bandaflordenis/>>. Acesso em: 10/10/2021.

O nome da banda é inspirado em duas grandes personalidades, Nísia Floresta e Nise da Silveira, duas mulheres que tiveram um papel fundamental no feminismo brasileiro. As músicas tocadas pela banda são todas autorais e falam sobre a sexualidade feminina, sobre relacionamentos tóxicos e sobre a libertação destes modelos restritivos. As composições são feitas de modo colaborativo.

Os ensaios ocorrem uma vez por semana e seguem sempre o mesmo padrão. Inicialmente elas tocam algumas músicas *covers*, depois tocam músicas antigas da banda e por último, focam nas músicas novas para ajustar os arranjos. A apresentação mais importante da banda até o momento da pesquisa, foi no festival Garagem de Rua, que ocorreu um ano após a sua formação. Vale ressaltar, que apesar da banda ter se formado em 2017, a gravidez da baterista, situações de assédio e a pandemia, fez com que a banda desse uma pausa, por isso, até o momento da pesquisa, o material que tinha sido produzido era de ensaios e shows ao vivo. Porém, recentemente a banda participou de outros festivais e ganhou a produção de um videoclipe, o que mostra um potencial crescimento da banda.

Gostaria de abrir um parêntese para expor o fato de ser uma banda exclusiva de mulheres e trazer a reflexão feita por Martins (2020), que em seu trabalho intitulado “Gênero e sexualidade na Educação Musical: Um relato de experiência com dois grupos de práticas musicais com jovens na escola”, questiona o fato de uma banda de homens ser chamada apenas de banda e uma banda de mulheres ser chamada de banda feminina. Marília, que foi quem teve a iniciativa de formar a banda, deixou evidente, de forma orgulhosa, durante a entrevista, que queria que fosse uma banda de mulheres em todas as funções. A partir da reflexão levantada por Martins (2020) que encontrou ressonância nas falas das colaboradoras da minha pesquisa, pude notar que ter uma banda apenas de mulheres em um universo masculinizado, é um ato de coragem e resistência, e isso explica o motivo do orgulho.

Sobre as integrantes da banda Flor de Nís

Ao analisar a história da educação musical das mulheres, vê-se que antigamente fazia parte aprender a tocar um instrumento – quase sempre piano –, porém elas tinham liberdade para tocar apenas em reuniões de família com o intuito de exibir os seus dotes para arrumar casamento (KOSKOFF, 2014). De certa forma, conjecturo que isso reflete na divisão de instrumentos musicais no presente. Duas mulheres – das seis entrevistadas – iniciaram os

estudos musicais a partir do teclado, seguindo modelo educacional, de aprender em casa e ter a família como primeiro público.

Marília Poeira – baterista – tem uma família musical, o pai dela toca e os irmãos também. Aos cinco anos ela teve a sua iniciação no teclado, com o seu próprio pai como professor. Então a questioneei sobre a transição para o seu atual instrumento (a bateria). Ela me contou que já havia esquecido um pouco o teclado, mas que o desejo de tocar bateria veio depois de ouvir *Toxicity* da banda *System of Down*. O seu tio já tocava bateria e ao adquirir uma nova, deu a antiga para ela. Marília reconhece que começou por uma música difícil e que demorou muito para aprender, porém, *Toxicity* foi a primeira música que aprendeu na bateria.

Perguntei posteriormente se foi difícil aprender a tocar bateria e Marília falou que sim, que era/é um instrumento muito barulhento, então ela não podia estudar sempre. Questionei ainda se ela acreditava que a sua formação teria sido mais fácil caso houvesse um local destinado ao ensino do rock voltado para meninas, como o *Girls Rock Camp*⁴, ela respondeu que seria muito mais simples e que gostaria muito que existisse em outros locais.

Uma das principais questões para a dificuldade que a Marília encontrou, foi a falta de uma referência feminina na bateria, ela não tinha uma baterista em quem se inspirar, suas referências femininas no rock eram Joan Jett e Rita Lee. Marília tem uma filha pequena e acredita que para a filha – caso queira – será mais fácil aprender tendo a mãe como referência. Um outro questionamento foi feito a Marília, dessa vez relacionado ao apoio familiar em relação a escolha do instrumento, então ela comentou que o pai e a mãe dela tinham medo que ela tocasse bateria fora do ambiente familiar, porque sabiam que ela estaria inserida em um ambiente majoritariamente masculino, então o pai e a mãe de Marília acreditavam que ela poderia sofrer assédios, poderia ser promiscua ou ainda homossexual e a própria Marília reconhece que esse foi um risco que ela correu. Sobre as falas de Marília, isso parece ser reflexo dos anos 40, do R&B, comentado por Bayton (1989):

Quando nós voltamos para o Rhythm, apropriadamente legendado de Brothers in Arms, encontramos uma quase total ausência de mulheres, o que, acredito, reflete a raridade de bateristas femininas e a maneira como a

⁴ Acampamento diurno voltado para mulheres e meninas que querem ter uma experiência com bandas de rock. (GELAIN; AMARALI, 2017).

bateria é vista como uma atividade muito masculina⁵ (BAYTON, 1989, p. 79, tradução minha).

Assim como Marília, Larissa Torres – atual baixista da banda – iniciou seus estudos musicais por meio do teclado e teve como professora a amiga da mãe. Depois passou a ter aulas particulares de violão. Na pré-adolescência, Larissa foi estudar em uma escola regular que tinha aula de música, o professor notou um certo destaque nela – que já estudava música desde criança. Ela tocava na banda da escola também, era um ambiente em que ela se sentia acolhida. Na escola, não tinha um direcionamento para o rock, apesar de ter algumas músicas do gênero musical. Larissa contou que tocava guitarra e violão, mas que em uma das formações da banda, pensaram em tocar *Californication* de *Red Hot Chili Peppers*, mas não tinha um/a baixista, então ela se propôs a tocar contrabaixo. Começou a pesquisar sozinha e considera o contrabaixo elétrico, como o único instrumento em que foi autodidata⁶. De acordo com ela, embora o professor desse um direcionamento, ela nunca teve um ensino focado no instrumento mesmo. Ela chegou a comentar que muitas músicas que aprendia eram através do método Suzuki: o professor mostrava e ela repetia. Larissa também fez aula de teoria musical na escola regular, mas era direcionada para todos os instrumentos. O seu interesse pelo contrabaixo veio do seu gosto musical, quando começou a prestar mais atenção na linha de baixo presente nas músicas que escutava então decidiu que queria estudar contrabaixo e, como não tinha professor/a pensou que podia transpor todo o conhecimento que tinha do violão e da guitarra para o contrabaixo. Ainda assim, ela considera o violão como instrumento principal para estudo e o contrabaixo o principal para a performance, além disso, Larissa tem uma aproximação com a fonografia, que também aprendeu por conta própria.

Não é difícil achar pontos em comum entre essas mulheres que compõem a banda Flor de Nís. Alba Miranda – guitarrista base e vocalista – teve sua formação inicial também na escola regular, onde participava de um coral, depois passou a ter aula de violão, todas as suas práticas musicais eram voltadas para o pop. Quando saiu do ensino regular, começou a fazer aulas particulares de canto, montou um grupo misto, também cantando música pop. Apenas

⁵ When we turn to Rhythm, aptly subtitled Brothers in Arms, we find a near total absence of women, which, I believe, reflects the rarity of female drummers and the way in which drumming is seen as a very masculine activity.

⁶ Entendido pela entrevistada como uma prática educacional onde a/o estudante não possui o auxílio/orientação de um/a tutor/a, precisando aprender por conta própria.

quando entrou na banda começou a ter experiência com o rock, e resolveu tocar guitarra por achar que combinava mais com o gênero musical. Embora ela tenha a banda com as meninas e ame estar lá, deixa claro que o seu instrumento preferido é o violão e o gênero musical é o pop.

Jéssica Pinheiro – guitarrista solo –, quando foi questionada a respeito de sua formação, falou que sempre quis tocar guitarra e esse desejo veio do seu contato com o rock na pré-adolescência. Iniciou os seus estudos no violão por ser um instrumento mais acessível, depois passou para a guitarra, em ambos os instrumentos, nunca teve aulas, aprendeu através de revistas de cifras e com a ajuda de amigos que já tocavam.

A Gabrielle Souza – vocalista – por falta de tempo, optou por responder o meu roteiro como se fosse um questionário, isso ocasionou respostas mais diretas e objetivas, sem que houvesse margem para explanação do diálogo. Sendo assim, quando perguntei sobre como ocorreu a sua formação, sem meias voltas ela respondeu que aprendeu sozinha, cantando as músicas que gostava e por influência da mãe, que sempre ouvia rock clássico, ainda quando a Gabrielle era criança.

Já a Raíza Rocha – ex-baixista – explicou que sempre quis tocar guitarra e esse desejo veio do seu contato com o rock ainda na pré-adolescência. Participou de um projeto social que tinha aula coletiva de guitarra, mas frequentou pouquíssimas aulas. Raíza formou uma banda com alguns amigos, porém, como estava precisando de um/a baixista, ela acabou passando para o contrabaixo, nunca teve aulas. Sua formação se deu através da prática: ela ia tocando e vendo o que se encaixava na música.

A partir do relato da formação musical das meninas, percebo que não há uma única maneira de aprender rock, embora haja processos formativos em comum entre elas. Vale ressaltar que embora não pareça existir dificuldades para aprender a tocar os instrumentos, a aproximação com o rock se dá por iniciativa própria, e não há um incentivo por outras pessoas. Embora as meninas queiram aprender, não há um direcionamento exclusivo que evidenciem as técnicas comuns ao rock. Essa falta de encorajamento e/ou encaminhamento para as meninas tocarem e se formarem na cena rock pode ser motivado pelo fato de que esse gênero musical, desde o seu surgimento está mais atrelado ao universo masculino, como aponta Farias (2020 *apud* Bourdage 2010):

[...] embora não haja motivos que justifiquem que um sujeito seja impedido, ou tenha seu acesso a essa prática dificultado, em função de sua raça, etnia, gênero, geração, classe ou religião, a realidade é que as bandas de rock tem sido, essencialmente, um espaço ocupado por homens jovens. (FARIAS, 2020, p. 11).

Essa citação, além de ilustrar os motivos para uma menina e/ou mulher ter acesso limitado ao ensino do rock, mostra também um ambiente majoritariamente masculino, o que pode dificultar o acesso delas em bandas ou apresentações. Durante as entrevistas, as mulheres da banda Flor de Nís comentaram sobre os desafios para inserir-se na cena rock de sua cidade natal, que segundo Alba e Marília começou com a dificuldade de encontrar outras mulheres para compor a banda, especialmente a guitarrista solo. Além disso, Alba relatou a dificuldade de encontrar espaços para tocar, que ela acredita ser motivado por ser uma banda de mulher que toca rock autoral.

Gabrielle, falou que a partir de sua inserção, ela mudou a visão que tinha da cena rock, notou que ainda existe muito preconceito e que precisa de inclusão e de eventos que as acolham. Larissa teve problemas para achar espaços para tocar, ela relatou que na banda que tinha na escola de ensino básico, ela tinha certo reconhecimento, mas quando saiu da escola não conseguia trabalho, quando as pessoas sabiam que ela tocava, achavam legal, porém, não a convidavam para tocar. Jéssica e Raíza, não relataram dificuldades para inserir-se na cena, mas começaram em bandas mistas, em um contexto diferente das outras.

Esses relatos possuem alguns caminhos de análise. O primeiro deles parte do princípio de que as coisas são mais difíceis para uma mulher sozinha, ou para um grupo de mulheres, evidenciadas pelas falas da Alba, da Marília e da Gabrielle. A fala da Larissa nos mostra que, possivelmente, quando uma pessoa conhece o seu trabalho, é mais fácil se inserir na cena rock. E por último, é que quando as mulheres estão inseridas em bandas mistas, “acompanhadas por homens”, não existem tantos desafios, como nas falas da Jéssica e da Raíza, que começaram na cena da capital nesse formato. O fato de existir dificuldades de inserção na cena rock por parte de um grupo de mulheres é respaldada pelo comentário de Janotti (2013):

[...] é possível notar uma tensão que envolve o reconhecimento da qualidade musical das bandas femininas e que parece se espraiar em torno das negociações identitárias que envolvem o julgamento de valor positivo em torno da sonoridade (JANOTTI, 2013, p. 04).

Os desafios não se limitam a apenas encontrar espaços para tocar. As componentes da banda Flor de Nís relataram situações em que sofreram assédio moral e até sexual. Como banda – ainda na primeira formação –, relataram que foram tocar em um bar e, no meio do show, a dona do estabelecimento pediu o microfone para anunciar que havia uma pichação no banheiro com palavras de ameaça e que não admitia esse tipo de comportamento. As mulheres da banda se sentiram intimidadas e acreditaram que a frase “pau no cú” das feministas”, poderia ser direcionada a elas. Esse acontecimento motivou uma pausa da banda, elas temiam que as ameaças virassem ação.

Marília tocava em uma banda mista e ela contou que certa vez em uma das apresentações, juntou um grupo de caras da banda que tocaria depois em volta de sua bateria, para falar que ela estava errando um tempo específico, em um primeiro momento, ela falou que se sentiu mal, mas depois continuou tocando, após, me contou que era isso que ela precisava passar por estar ali e que quando uma mulher toca, ela não pode ser menos que genial, pois será desacreditada.

Gabrielle também afirmou que já sofreu assédio, mas não entrou em detalhes. Larissa, Jéssica e Raíza, falaram que nunca sofreram diretamente, mas que sempre notavam olhares questionadores, como “será que ela sabe o que tá fazendo?”, ou até julgadores. A esse respeito Bayton (1989, p. 21-23) argumenta que “as mulheres que entram em um campo tradicionalmente masculino são provavelmente vistas como uma ameaça e enfrentam o assédio.” para a autora, não é inesperado que isso ocorra porque

Elas são intrusas em um território masculino claramente definido: nas ruas à noite (desempacotando equipamentos, flyposting, etc.), e trabalhando em um ambiente (o show) que é conhecido pelo seu potencial de violência (brigas, bêbados, etc.) (BAYTON, 1989, p. 21-23, tradução minha).⁷

Além disso, a música rock em si não é simplesmente uma área 'proibida' para as mulheres, mas é usada como um mecanismo importante para dotar a masculinidade. Esta função especial do rock é prejudicada pela existência de

⁷ It is not surprising that women musicians encounter a lot of harassment, for they are intruders onto clearly-defined male territory: on the streets at night (unpacking equipment, flyposting, etc.), and working in a setting (the gig) which is renowned for its violence.

artistas femininas. Desta forma, as mulheres músicas são vistas como uma ameaça real para os homens. (BAYTON, 1989, p. 21-23, tradução minha).⁸

A literatura escrita por Bayton (1989), nos mostra que apesar de ser um texto antigo, ainda faz sentido na realidade da banda Flor de Nís. Ninguém deveria passar por tudo isso para ter um espaço. Deparar-se com esse tipo de dificuldade deve ser, no mínimo, incômodo. Mas quando pedi para que as entrevistadas dessem um conselho para uma menina que estava começando agora, unanimemente, elas disseram que incentivariam e que falariam que não iria ser fácil, porém elas não podiam desistir. Perguntei, caso o conselho fossem para elas mesmas no início da carreira, se seria o mesmo. Novamente, todas responderam que sim. Tal fato, expõe a importância de um ensino direcionado para meninas, como surgiu vários acampamentos após a explanação do *Riot Grrrl*, um movimento feito por mulheres e para mulheres, que além do rock, traz discussões sobre feminismo (CASADEI, 2013).

Considerações

A literatura estudada e o relato das integrantes da banda Flor de Nís indicam que o rock, em pleno século XXI, continua trazendo uma herança patriarcal, com uma predominância masculina e “falta de espaço” para as mulheres, que se materializa pela dificuldade de achar lugares para realizar apresentações. Além disso, as mulheres precisam lidar com assédios e com julgamentos.

Embora existam diversos obstáculos, as mulheres assumem o papel de protagonistas e lutam, resistem e servem de exemplo para as futuras gerações. No que tange a formação no rock, é importante mencionar que não existe uma única maneira de aprender, como foi exemplificado na formação das mulheres da Flor de Nís. Contudo, parece não existir incentivo para que mulheres aprendam, com exceção dos ambientes focados no ensino das mulheres/meninas, que – ainda conforme a literatura – não é tão difundido pelo Brasil.

Sendo assim, há necessidade que mais pessoas falem sobre o assunto, que contem suas experiências e mostrem que não há uma justificativa comprovada para tal segregação, seja ela qual for. Assim, estaremos mais perto da igualdade, respeitando as diferenças e compreendendo a pluralidade do mundo.

⁸ Furthermore, rock music itself is not simply a 'no-go' area for women but is used as an important mechanism for endowing masculinity. This special function of rock is undercut by the existence of female performers. In this way women musicians are perceived as a real threat to men.

Referências

BAYTON, Mavis Mary. *How women become rock musicians*. 1989. 616 f. Tese (PhD) - Curso de Sociology, The University Of Warwick, Coventry, 1989.

CASADEI, Eliza Bacheга. O punk não é só para o seu namorado: esfera pública alternativa, processos de identificação e testemunho na cena musical Riot Grrrl. *Música Popular em Revista*, Campinas, ano 1, v. 2, p. 197-214, jan.-jun. 2013.

CHACON, Paulo. *O que é Rock*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense; 5ª edição. 1995.

CUNHA, Carlos Henrique Pessoa. *Nos Tempos do Blackout: notas sobre gêneros e cenas musicais a partir da performatização do feminino no heavy metal*. 2014. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2014.

FARIAS, Maria Amélia Benincá. Enfrentando estereótipos de gênero em bandas de rock através de ações músico-pedagógicas inclusivas: uma pesquisa em educação musical em andamento. In: XIX Encontro Regional Sul da ABEM, 2020. *Anais...* 09 a 20 de novembro de 2020.

GELAIN, Gabriela; AMARAL, Adriana. Girls Rock Camps Brasil: continuidade subcultural e presença Riot Grrrl. *IS Working Paper* Nº 58. 3ª série. Porto, 2017.

JANOTTI, Jeder. Rock With The devil: notas sobre gêneros e cenas musicais a partir da performatização do feminino no heavy metal. In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Intercom, 2013, Manaus. *Anais do XXXVI Intercom Grupos de Pesquisa*. São Paulo: Intercom, 2013. v. 1. p. 0-1.

KOSKOFF, Ellen. *A Feminist Ethnomusicology: Writing on Music and Gender. New Perspectives on gender in music*. Chicago: University of Illinois Press, 2014. 257 p.

LUCCHESI, Flávia. *Riot grrrl: capturas e metamorfoses de uma máquina de guerra*. 2015. 321 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Puc-Sp, São Paulo, 2015.

MARTINS, Áudrea. Gênero e sexualidade na Educação Musical: Um relato de experiência com dois grupos de práticas musicais com jovens na escola. In: XIX Encontro Regional Sul da ABEM, 2020. *Anais...* 09 a 20 de novembro de 2020.

MOTA, Yanaêh Vasconcelos; MARTINS, Áudrea; WENNING, Gabriela Garbini. Diversidade de gênero e sexualidade na docência de música em diferentes contextos de atuação profissional. In: XIX Encontro Regional Sul da ABEM, 2020. *Anais...* 09 a 20 de novembro de 2020.

PAULA, Fabiana de. *Mulheres no rock: por que ainda somos tão poucas?*. 2015. 15 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mídia, Informação e Cultura, Centro de Estudos Latino-Americanos Sobre Cultura e Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PINHEIRO, Carlos Sizenando Rossiter; PINHEIRO, Fred Sizenando Rossiter. *Dos Bondes ao Hippie Drive-in: fragmentos do cotidiano da cidade do Natal*. Natal-Rn: Edufrn, 2017. 535 p.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

YIN, Robert k. *Estudo de caso: planejamento e métodos* / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi – 2.ed. – Porto Alegre: Bookman, 2001.